

# A MÚSICA COMO MECANISMO DA INDÚSTRIA CULTURAL E SUAS IMPLICAÇÕES EDUCACIONAIS

*Gabriela Massuia Motta (UFSCar)*  
*Djalma Quirino de Carvalho (UEMS)*

**Resumo:** Este artigo analisa a Música como um dos instrumentos da Indústria Cultural de dessensibilização humana e suas conseqüências na formação do adolescente. Essencialmente teórico e fundamentado na Teoria Crítica, analisa a perda da sensibilidade auditiva que, nos últimos tempos, não é capaz de discernir o que é dito na música e tampouco perceber sua melodia, além das conseqüências deste processo na Educação. Partindo do princípio que o ser humano vive de forma alienada, desde o seu trabalho até os seus momentos de lazer, e que a música é fundamental na maioria desses momentos e também na formação do homem adulto. Este artigo considera que os adolescentes, assim como as pessoas em geral, não possuem momentos de desafios intelectuais, de criatividade, tanto escolar como artística, o que os torna cada vez mais manipuláveis e conduzidos da maneira mais conveniente ao sistema no qual vive. Conseqüentemente, se a Educação é uma das responsáveis pela formação humana, cabe a ela, também, conhecer esses mecanismos da Indústria Cultural, para que possa melhor trabalhar e superar suas conseqüências na formação do adolescente.

**Palavras Chave:** Música. Educação. Adolescência. Indústria Cultural.

**Abstract:** This article analyzes the Music as one of the instruments of the Cultural desensitization Industry human being and its consequences in the formation of the adolescent. Essentially theoretician and based on the Critical Theory, analyzes the loss of the auditory sensitivity that, in the last times, is not capable to discern what it is said in music and neither to perceive its melody, beyond the consequences of this process in the Education. Leaving of the principle that the human being lives of mentally ill form, since its work until its moments of leisure, and that music is basic in the majority of these moments and also in the formation of the adult man. This article considers that the adolescents, as well as the people in general, do not possess moments of intellectual challenges, of creativity, pertaining to school as in such a way artistic, what becomes them each time more manipulability and lead in the way most convenient to the system in which lives. Consequently, if the Education is one of responsible for the formation the human being, fits it, also, to know these mechanisms of the Cultural Industry, so that it can better work and surpass its consequences in the formation of the adolescent.

**Key words:** Music. Education. Adolescence. Cultural industry.

## 1 Introdução

Com a propagação dos meios de comunicação de massa na sociedade urbano-industrial, a dominação ideológica, até então exercida diretamente nas relações de produção, no apadrinhamento do coronelismo, nas pregações mito-religiosas e nas estruturas do poder constituído, passa a ter um forte aliado que não apenas será utilizado para esse fim como também será mercadoria de consumo. E essa dominação se faz cada vez mais intensa. É o tempo da “Indústria Cultural”. Dentre os vários produtos dessa indústria, sempre ligados aos

meios de comunicação de massa, a música é um dos seus mais fortes mecanismos de controle psíquico-social. Este artigo pretende analisar, ainda que no campo teórico, a relação existente entre os adolescentes que freqüentam o Ensino Médio, de uma escola pública, a música ouvida por eles e suas conseqüências nas relações pedagógicas. A Indústria Cultural trabalha com grande diversidade de produtos para as mais variadas faixas econômicas, sociais e culturais em todas as regiões do país.

Fundamentado na Teoria Crítica da Escola de Frankfurt e na teoria psicanalítica de Freud, analisaremos como o psíquico é estruturado desde a infância e como permite passivamente a aceitação das idéias e do modo de vida determinado pelo sistema econômico.

## 2. A alienação do homem

Segundo Adorno,

A violência da sociedade industrial instalou-se nos homens de uma vez por todas. Os produtos da indústria cultural podem ter a certeza de que até mesmo os mais distraídos vão consumi-los alertamente. Cada qual é um modelo da gigantesca maquinaria econômica que, desde o início não dá folga a ninguém, tanto no trabalho quanto no descanso, que tanto se assemelha ao trabalho. É possível depreender de qualquer filme sonoro, de qualquer emissão de rádio, o impacto que não se poderia atribuir a nenhum deles isoladamente, mas só a todos em conjunto na sociedade. Inevitavelmente, cada manifestação da indústria cultural reproduz as pessoas tais como as modelou a indústria em seu todo. (1985, p. 105).

Assim também podemos verificar tal fato no comportamento dos ouvintes das músicas atuais e que vem contribuindo para a perda da audição, do emudecimento e para a morte da linguagem como expressão, também, devido às suas relações cotidianas. A incapacidade de comunicação entre as pessoas tem levado a não refletirem e não compreenderem o que ouvem. Mesmo quando se trata de uma música com letras de fácil entendimento, esta sempre se refere a questões unicamente pessoais e instintivas. Porém, mesmo quando as letras trazem conteúdos literários, a atenção dos ouvintes está voltada somente ao ritmo afetando na percepção e reflexão da mensagem. Esse processo afeta não apenas os ouvintes como também aos “produtores” dessa música, pois, na grande maioria, não há mais uma elaboração requintada da melodia nem tampouco de seu conteúdo literário. Assim, quase que num retorno tribalístico-totêmico, o som, e apenas este, foi transformado no único vínculo entre os jovens estudantes. Diferente dos momentos históricos nos quais a música reuniu multidões em torno de um interesse social, como por exemplo, os festivais no final dos anos sessenta. E hoje multidões se isolam apenas no cultivo da solidão cotidiana. E quem não gosta de uma balada?

Os momentos de lazer e descanso tornaram-se um prolongamento do dia-a-dia voraz da sociedade capitalista, ou seja, a reprodução do isolamento que o homem atual vive imposto pela busca da sobrevivência. E mesmo estando numa multidão, a prática da solidão vivida no cotidiano é mais uma vez exercitada. De maneira que os jovens em meio às luzes e as batidas eletrônicas frenéticas não pensam em absolutamente nada e têm acionados somente seus sentidos mais animais, impossibilitando-os à transcendência estética e até mesmo o autoconhecimento, pois não são capazes nem mesmo de saberem qual é o seu gosto musical preferido, já que o que lhe é oferecido pela Indústria Cultural é praticamente igual, independente do estilo.

Assim, a música, que desde a Antiguidade grega, sempre foi considerada e utilizada como um momento de lazer e ao mesmo tempo de disciplina, mágico e principalmente de transcendência humana na busca do divino e encontro consigo, transforma-se, com o desen-

volvimento das relações capitalistas de produção, em mais uma mercadoria e instrumento desta, tanto para o consumo como para a dominação cultural/ideológica.

Diferente dos rituais tribalísticos-totêmicos, nos quais os homens primitivos se reuniam em torno de um deus, criado por eles mesmos, cantando e dançando em busca da divindade para um aperfeiçoamento do todo, as tribos atuais reúnem-se isoladamente cultuando seu estado de solidão no qual foi colocado devido a animalidade gerada pela ganância e pelo estresse da sociedade capitalista.

A estrutura psicológica e cognitiva desse jovem, que desde a infância é baseada em sucessivas rejeições sofridas, pois considerando que no princípio era a natureza, todo processo educacional/civilizatório não deixa de ser de restrições e imposições; como também devido às suas projeções edípicas e a internalização desta estrutura de relacionamento, contribui para a regressão da percepção humana, ou seja, não permite o desenvolvimento de sua sensibilidade.

Observando a história da educação, a relação entre professor-aluno sempre foi baseada no autoritarismo, que desenvolvia um estado de ódio e gerava grande angústia no aluno. Hoje, apesar do autoritarismo ainda se fazer presente, não existe a violência física, mas as relações de ódio contra o professor ainda continuam, e que não é mais segredo para nenhuma das partes envolvidas nesse processo. Assim, essa relação contribui para a submissão, não só de ordens que devem ser seguidas em sala de aula, como também as determinadas pela estrutura das relações de dominação ideológica que a sociedade estabelece, facilitando a sua submissão frente aos mecanismos da indústria cultural.

Essa relação, com a emancipação feminina e a necessidade da mulher ter um emprego, fez com que as crianças se afastassem de suas genitoras, na maioria das vezes com o fim da licença maternidade. Não que a emancipação feminina tenha sido um prejuízo, muito pelo contrário, foi um avanço na evolução emancipatória da mulher, mas a que a sociedade ainda tenta se adaptar. Assim, as relações edípicas sofrem alterações e não se “resolvem” de acordo com os pressupostos estabelecidos por Freud quando elaborou sua teoria sobre o complexo de Édipo.

Tomando como referência o complexo de Édipo, a criança na fase dos 5 aos 6 anos, quando menino, adota como modelo o pai, do qual irá copiar todos os gestos, e dentro dessa lógica terá o mesmo objeto de amor que seu modelo, ou seja, a mãe; já a menina irá imitar sua mãe em tudo e amará o que a mãe ama, ou seja o pai, neste momento, a mãe torna-se sua rival e inconscientemente ela a elimina. O mesmo se dá com o menino em relação ao pai.

A eliminação do rival gera uma angústia por dois motivos: por amar e querer ao mesmo tempo eliminar esse objeto e de certa forma isso fica mal resolvido em seu interior, mas, apesar desse conflito, seu ego começa a se estruturar. A esse momento de sua vida segue-se o ingresso na escola, e ao entrar em contato com o(a) professor(a), a criança transfere a paixão anterior - projeção e transferência - independentemente do sexo para o professor ou professora, como para se livrar da angústia que vivia apaixonadamente pelo pai ou pela mãe. Na escola faz de tudo para chamar a atenção do seu objeto de desejo; as meninas querem se tornar as melhores alunas e vivem numa disputa acirrada entre elas, e os meninos, quando não seguem por esse caminho, tornam-se agressivos, pois assim a professora ou professor intervém nas situações de briga ou estresse, além do que, eles ficam todo tempo medindo forças com seus colegas de classe e guardam intimamente tal admiração, e jamais manifestam tal sentimento com alguém, mesmo porque não se dão conta do que está acontecendo realmente, pois é inconsciente.

A repetição desse processo ano a ano, faz com que o aluno se sinta isolado ou marginalizado, mesmo vivendo em grupo, pois em nenhum momento seus sentimentos são reconhecidos pelo professor e assim, aprende gradativamente, a lidar com seu eu e esse sentimento é banalizado e a sua sensibilidade não se desenvolve afetivamente. E quando chega à quin-

ta série, com as múltiplas disciplinas e professores, a paixão por um único professor se esfacela. O vazio, que mesmo inconscientemente sentia, cresce, e na tentativa de não se sentir novamente isolado ou marginalizado, o aluno passa a desprezar o professor e muitas vezes essa relação é permeada pelo ódio.

Esse ódio fica latente até o momento que o aluno um dia se torne professor, e todo aquele sentimento vem à tona, e como uma vingança de sua parte, só que agora ele assume o papel do algoz, ele cristaliza sua raiva na relação com o aluno, repetindo mais uma vez o processo autoritário ao qual foi submetido. Esse autoritarismo cria estruturas cognitivas que permitem a aceitação de ordens e idéias, impedindo que o aluno possa ter consciência plena de si e se submeta ao que lhe é imposto. Isso por um lado gera o ódio pelo professor e por outro o faz instrumento de manobra das ideologias, religiões, entre outras expressões de fanatismos que possam existir na sociedade na qual vive.

### **3. A Indústria Cultural e a música atual.**

Nota-se que o vazio que se instalou subjetivamente no eu da criança e do adolescente ainda não foi “resolvido” e o mundo no qual ele vive não se estrutura somente na escola e na família, pois existem vários outros fatores sociais que devem ser levados em consideração, como as manifestações artísticas e culturais. Essa cultura estruturada no sistema capitalista coisifica o homem, pois este já não vende somente sua força de trabalho, mas também, a sua significação de vida, que depende do que ele possui e o que ele possui nunca é suficiente. O seu eu novamente não existe, e então ele vive incessantemente buscando preencher esse vazio, que na infância surge com as freqüentes rejeições acima colocadas e não “resolvidas” que o preparam e o inserem como consumidor da Indústria Cultural, na qual há a promessa de sonhos e felicidade baseada no novo que está sempre velho dando continuidade a sua insatisfação e vazio. Essas novas velhas novidades não permitem que o homem fique em paz, e sua estrutura emocional já habituada a isso, não é capaz de perceber a roda viva na qual está inserido, ou seja, *eis que chega a roda viva e carrega o destino pra lá.*

O sistema capitalista e as relações de produção fizeram com que o homem, além de ser obrigado a vender sua força de trabalho, também se transformasse em máquina e em animal. Pois no processo produtivo ele não estabelece relação direta com o que produz, sendo reduzido à condição de máquina produtiva que “não vê o momento de ir para casa, onde exercerá sua condição animal de comer, beber e procriar”. Assim, reduzido a essa condição, também, de certa forma, as produções artísticas, no caso, a música, adaptou-se a esse processo e o homem já não é capaz de criar nada originalmente, mas sempre seguindo um modelo fornecido, empobrecendo a cultura na qual vive.

Ora, como a forma de pensar e o pensamento lógico estruturado é o grande objetivo da dominação ideológica, a música produzida hoje não poderia fugir desses moldes e entre todos os recursos utilizados pela Indústria Cultural para atingir esse fim, ela é um dos mais presentes na vida cotidiana dos jovens. Essa música possui uma estrutura baseada no compasso de quatro tempos, num ritmo alucinante e que é totalmente sentido nas vísceras humanas, pois não é preciso pensar e raciocinar sobre o que se ouve, e a idéia é exatamente esta, de fazer não pensar em nada. Aparentemente existe a possibilidade de escolha, pois há uma variedade de estilos musicais como o rock, a MPB, o samba, o pagode, o axé, o pop, a música eletrônica e suas subdivisões, porém todos esses estilos, apesar de possuírem ritmos diferenciados, possuem a mesma estrutura de quatro tempos, que é o tempo da batida do coração. Tal estrutura torna a música agradável ao ouvido humano e ao corpo, causando uma sensação de bem-estar e ao mesmo tempo de hipnose, a ponto dos ouvintes só entreterem-se ao balanço, sem atentar ao conteúdo, ou ausência deste, da música.

A música atual, seja ela para crianças ou para adultos dos mais variados segmentos sociais, é estruturada no mesmo compasso quaternário, diferenciando-se somente no ritmo em que ao ouvido humano causa somente a sensibilidade física e o intelecto é esquecido. Ao homem não é oferecido desafio intelectual, ele praticamente não raciocina e não pensa sobre as informações que recebe da mídia e isso conseqüentemente afeta o processo de ensino e aprendizagem escolar, apesar deste não estar restrito apenas às instituições escolares. Para esta análise, estamos partindo do pressuposto do que seria a produção da cultura enquanto valor humano, pois, segundo Otaiza Romanelli:

O resultado imediato, para ambos, [o homem e o meio] é a ação transformadora, e o resultado mediato, para o meio, é a sua transformação como em produto cultural, em bem, em valor, e para o homem, é a modificação de sua própria condição humana. Sim, porque na medida em que o homem percebe e aceita o desafio do meio, sente-se compelido a utilizar e explorar sua imaginação, sua inteligência, sua capacidade física de agir, enfim, sente-se compelido a atualizar as qualidades integrantes de sua condição humana, o que faz com que ele se torne mais homem em cada gesto cultural. (1978, p. 20).

Assim, não havendo uma reflexão sobre o que é imposto pelos meios de comunicação de massa, se estabelece uma ligação visceral e, conseqüentemente, a música faz o adolescente expor seus instintos animais, como o sexo e a agressividade e que, de certa forma, o leva a um comportamento primitivo e à regressão de seus sentidos colocando-o numa posição de desamparo infantil e assim à aceitação da autoridade imposta, implícita ou explicitamente.

A imposição implícita, disfarçada, é a forma mais utilizada pela Indústria Cultural, pois jamais o indivíduo se revolta ou exige outra coisa senão aquela que lhe é oferecida e o que lhe oferecido é praticamente tudo igual, e nota-se segundo Adorno (1989), que o que regrediu foram os sentidos humanos, e neste caso, a audição:

O que regrediu e permaneceu num estado infantil foi a audição moderna. Os ouvintes perdem com a liberdade de escolha e com a responsabilidade não somente a capacidade para um conhecimento consciente da música – que sempre constitui prerrogativa de pequenos grupos – mas negam com pertinência a própria possibilidade de chegar a tal conhecimento. Flutuam entre o amplo esquecimento e o repentino reconhecimento, que logo aparece de novo esquecimento. (...) Regressivo é, contudo, também o papel que desempenha a atual música de massas na psicologia das suas vítimas. Esses ouvintes não somente são desviados do que é mais importante, mas confirmados na sua necessidade neurótica, independentemente de como as suas capacidades musicais se comportam em relação à cultura especificamente musical de etapas sociais anteriores. (1989, p. 94).

Para Adorno (1989) isso é a “liquidação do indivíduo”, uma regressão sócio-psicológica ocasionada pela formação de egos deficientes e sem autonomia individual, e o que caracteriza essa forma de audição é a exigência do “sempre novo”, como uma criança que se cansa de um brinquedo e exige um outro, e o pior, aceitando sempre o que lhe é dado, não ultrapassando os limites da sua cotidianidade.

Além disso, gera também uma acomodação no sentido de que tudo lhe é dado pronto, o adolescente não precisa influir em nada e aceita isso passivamente porque sua percepção autônoma não existe mais e a sua audição regrediu e com ela a linguagem, pois se é incapaz de ouvir, também é incapaz de se expressar.

Assim, segundo Adorno,

Ao invés de entreter parece que tal música contribui ainda mais para o emudecimento dos homens, para a morte da linguagem como expressão, para a incapacida-

de de comunicação. A música de entretenimento preenche os vazios do silêncio que se instalam entre pessoas deformadas pelo medo, pelo cansaço e pela docilidade de escravos sem exigências. (...) Se ninguém é capaz de falar realmente, é óbvio também que não é capaz de ouvir. (1989, p. 80)

A individualidade não existe mais e esse processo de adaptação ao coletivo e regressão da percepção humana embrutece sua sensibilidade tirando-lhe o espanto, a admiração, sentimentos fundamentais desde a apreciação estética, como também para a busca e descobertas de novas verdades, empobrecendo o legado cultural. Nesse sentido, mais uma vez Adorno nos esclarece:

A renúncia à individualidade que se amolda à regularidade rotineira daquilo que tem sucesso, bem como o fazer o que todos fazem, seguem-se do fato básico de que a produção padronizada dos bens de consumo oferece praticamente os mesmos produtos a todo cidadão. Por outra parte, a necessidade, imposta pelas leis de mercado, de ocultar tal equação conduz à manipulação do gosto e à aparência individual da cultura oficial, a qual forçosamente aumenta na proporção em que se agiganta o processo de liquidação do indivíduo. (...) Entretanto, se o indivíduo liquidado aceita realmente e com paixão a exterioridade consumada das convenções como critério, deve-se dizer que a época áurea do gosto irrompeu num momento em que não há mais gosto algum. As obras que sucumbem ao fetichismo e se transformam em bens da cultura sofrem, mediante este processo, alterações constitutivas. Tornam-se depravadas. (1989, p. 88).

Mas não é só a audição humana que sofre mudanças, há também um conjunto de técnicas na produção musical utilizadas para a dessensibilização auditiva, desde sua estrutura, ritmo e instrumentos, que hoje em sua maioria são digitais. Pois, segundo Zuin (1999): “[...] descobertas técnicas, bem como modificações padronizadas da sociedade de consumo contemporânea, modificam o *sensorium* humano, particularmente a estrutura da audição musical.” (1999, p.141).

Tais músicas são colocadas no mercado de maneira tão repetitiva e com um *marketing* extremamente voltado para o que é considerado moderno e conseqüentemente de fácil aceitação pelas massas de jovens, que querem ser aceitas em algum grupo, ou tribo, principalmente porque não conhecer o que todos conhecem é motivo para ser excluído. Assim, perdem sua individualidade devido à massificação de seus gostos, e que por isso não é percebido, facilitando, para o poder econômico e “cultural”, o controle psicosocial.

#### **4. Considerações finais**

Longe de qualquer tentativa de considerações finais, é preciso entender esse indivíduo massificado pela indústria cultural e procurar buscar o entendimento do conjunto difuso de suas individualidades, ou seja, dos alunos, para depois tentar entender as manifestações sociais destes em relação à educação. E como a música, desde que se possam ter registros históricos, tem a função de expressar a subjetividade humana, estudá-la poderá ajudar a entender melhor o aluno, pensando dialeticamente o que a música causa em quem a ouve e os fatores culturais que levam a produção desta, ou seja, as produções musicais refletem a estrutura ontológica do grupo que a produz e a reforça.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO T. W., O Fetichismo na música e a regressão da audição. In: **Os Pensadores**. Tradução de Luiz João Baraúna e João Marcos Coelho. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1989.

ADORNO, T. W. e HORKHEIMER, M. **Dialética do Esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Tradução de Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.

ROMANELLI, Otaíza O. **História da Educação no Brasil**. 9. ed. Petrópolis,RJ: Editora Vozes,1978.

ZUIN, A, A, S. PUCCI, B.; RAMOS-DE-OLIVEIRA, N. **Adorno**: o poder educativo do pensamento crítico. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.